

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martins. **Ser e tempo**. 8 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001. (Pensamento Humano).

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. São Paulo: EDUSC, 2001. (Coleção filosofia e política)

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os filósofos do Ocidente**. São Paulo: Paulus. 6 ed. 1983. (Coleção Filosofia; 3)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção Filosofia)

RÉE, Jonathan. **História e verdade em ser e tempo**. São Paulo: UNESP, 2000. (Coleção grandes filósofos)

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Contemporânea: do século XIX à neoescolástica**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

VICENTE, J.J. **A análise do ser em Heidegger**. In: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2002.

guiado por sua razão é capaz de se construir segundo seu próprio plano; não sendo manipulado pelas regras ditadas pela massa, nem se deixando dominar pela praticidade e utilidade da vida mundana.

Segundo Heidegger a Inautenticidade ou o homem inautêntico pode ser caracterizado de modo geral como aquele que utiliza das utilidades e possibilidades oferecidas pelo mundo com vista a obter alguma vantagem, ao deixar-se envolver com as coisas da mundanidade e seus objetos e com sua função o homem não leva em consideração a morte, o deixar de ser, porque a morte anula o mundo das ocupações e das preocupações cotidianas, e quem compreende a si mesmo com base neste mundo, ou seja, o homem que existe de modo inautêntico não é capaz de pensar na morte. Além disso, o homem inautêntico é um ser que se acostuma fácil com as coisas que lhe são impostas e que de alguma forma já se apresentam prontas e acabadas, não é capaz de guiar-se segundo suas próprias idéias, vive de forma, segundo Heidegger, irresponsável, uma vez que se submete prazerosamente a lei da massa.

Para finalizar posso afirmar que para Heidegger o homem só é capaz de passar da vida inautêntico para a vida autêntico somente a partir do momento em que levar em consideração a morte, como possibilidade de cessar de existir aqui, como fim último e objetivo da vida, e a partir do momento que ele se construir segundo sua consciência, guiado por suas idéias sem deixar-se dominar pelo estar-no-mundo ditado pela lei da massa.

O homem autêntico é um ser-para-a-morte, um ser que reconhece e aceita a morte como sua finitude. Para Heidegger "O viver para a morte, constitui o autêntico sentido da existência, pois, nos afasta do estar submerso nos fatos e nas circunstâncias. A antecipação da morte dá sentido ao ser dos entes, mediante a experiência do seu nada possível. Essa experiência, no entanto, não se tem por obra de ato intelectual, e sim muito mais por meio do sentimento específico que é a angústia". (Reale, 1991, p.587)

O homem desde o momento que nasce já está sujeito a morte, e esta pode acontecer a qualquer instante inerentemente à nossa vontade. Heidegger afirma que o homem é um ser lançado ao mundo para aí realizar a possibilidade de sua existência. Ele nasce e morre, entre o nascer e o morrer há um espaço pelo qual denominamos de vida. Em relação a isto escreve Heidegger: "O Dasein não preenche, mediante as fases de suas realidades momentâneas, um trajeto ou trecho "da vida" já de certo modo existente; mas, antes, estende a si mesmo de tal maneira que seu próprio ser de antemão se constitui como um estender-se. O "entre", em referência ao nascimento e a morte, já existe no ser do Dasein... Não é de modo algum o caso que o Dasein "seja" real em um ponto do tempo e que, fora disso, esteja "cercado" pela irrealidade de seu nascimento não é absolutamente algo passado no sentido do que não mais existe; e tampouco a morte possui o tipo de ser de algo pendente que ainda não existe mas está por vir. O Dasein efetivo existe como nascido; e como nascido já está morrendo, no sentido de ser-para-a-morte. Ambos os "extremos" e seu "entre" existem enquanto existir efetivamente o Dasein, e existem da única maneira possível com base no ser do Dasein enquanto cuidado... Como cuidado o Dasein é o "entre"".

A vida é o período em que estamos aptos em pensar em nós mesmos, em que fazer e como fazer, é o período em que elaboramos e colocamos em prática nosso projeto de vida. O homem que vive autenticamente tem consciência imediata e indubitável de sua finitude, é capaz de aproveitar cada minuto de sua vida de forma real, autêntica, onde

CONCLUSÃO

Temos plena consciência de nossa existência no mundo, assim como temos consciência de que somos seres mortais cujo fim último e certo é a morte.

Heidegger descreve a existência como sendo “a característica do homem de ser fora de si, diante de si, por seus ideais por seus planos, por suas possibilidades” (Mondim, 1983, p.188).

Vimos nos capítulos anteriores que o homem enquanto ser-no-mundo pode viver inautenticamente ou autenticamente, assumindo, assim, sua existência como banal ou autêntica. Heidegger, todavia, condena a existência inautêntica por esta ser uma existência anônima onde o homem vive das ilusões mundanas, e deixa transparecer nitidamente a sua predileção pela existência autêntica.

Uma vez compreendida as duas atitudes que o homem pode assumir no decorrer de sua vida – viver autenticamente ou inautenticamente – resta-nos questionar como o homem, se assim desejar, pode passar da existência inautêntica para a existência autêntica?

Segundo Heidegger vive autenticamente aquele que compreende e reconhece a morte como sendo sua extrema possibilidade, onde o homem se completa e atinge o verdadeiro objetivo da vida. Por outro lado, o homem inautêntico se refugia no medo e é tomado por ilusões como forma de ocultar a realidade.

A morte é segundo Heidegger, a essência da existência e é a possibilidade mais própria e intransponível que o homem deve assumir sempre por si mesmo, pois, escreve Heidegger: “Ninguém pode assumir o morrer de outro (...). Cada ser-aí deve assumir a sua própria morte. Enquanto a morte é, ela é sempre radicalmente a minha morte”. (Antiseri, 1991, p. 587).

Diante desta apresentação referente a existência autêntica, e lembrando o que anteriormente foi apresentado em existência inautêntica, não há dúvidas de que Heidegger mostra uma indubitável preferência pelo aspecto autêntico.

de que a angústia é o pressentimento de uma desgraça e não a situação fundamental do homem". O medo é a angustia que decaiu ao nível do mundo, inautêntico e oculta para si mesma como a angústia". (Reale, 1991, p.588)

A questão do tempo tem um lugar central na análise de Heidegger. A temporalidade é a estrutura mais fundamental do ser. Só no nível de uma existência autêntica se pode tomar consciência dos diversos aspectos do tempo passado, presente e futuro, em função da temporalidade.

O ser-aí existe como antecipação, como previsão de seus projetos, caracterizando-se, portanto como possibilidade, como ser-possível, voltado para o futuro. Porém, o ser-aí existe como um ser já lançado no mundo, portanto, está também voltado para o passado e depende de sua memória. Além disso, o ser-aí existe como presença, existe no presente, cujo modo de apreensão é a intuição. (Marcondes, D. 2002, p.267)

Assim como o homem é um projetar-se diante das possibilidades, está primariamente orientado para o futuro, e este pode ser evidenciado de dois modos: autenticamente e inautenticamente.

Na existência autêntica, o homem entende a si mesmo à luz das próprias possibilidades, e particularmente à luz da possibilidade extrema que é a morte; o futuro inautêntico, ao contrário, é o resultado, o sucesso. A possibilidade é projetada a partir de uma situação, do presente, que também pode ser autêntico ou inautêntico. Na existência autêntica o presente é o instante, em que, *resumindo o que eu fui, decido meu futuro*; na existência inautêntica o presente é apenas a urgência das coisas a serem feitas, que absorvem e não dão trégua. O passado autêntico é a tradição, que não é algo a ser aceito, mas um entregar-se às possibilidades que herdamos e de reviver as possibilidades do homem que já foi. (Rovighi, 2001, p.403)

Ser autêntico é então aquele que reconhece sua morte como sua única especificidade, visto que ninguém pode substituí-lo em sua própria morte; assim, ela é a única coisa que lhe pertence propriamente. Ela é não uma atração mórbida pela decadência, mas a única via de acesso a liberdade. Compreende-se que a autenticidade não é tanto um sistema de valores quanto um verdadeiro trabalho sobre si mesmo, com vista a atingir uma certa maturidade susceptível de nos fazer aceitar nossa condição como ela é (Huisman, D. 2001, p.116).

Existir autenticamente, por conseguinte, significa aceitar a própria finitude. A esta aceitação da própria finitude, a esta determinação diante da morte chama-nos o grito da consciência. A consciência é sempre um lembrete de nossa falha, ter culpa de algo significa de fato ser a causa de uma falha, de uma negação, “a voz da consciência lembra ao homem o reconhecimento e a aceitação da própria negatividade”. (Sofia, V. 2001, p. 403) “Uma consciência autêntica é sempre uma consciência culpada: ter uma boa consciência é não ter nenhuma”. (Rée, 2000, p.47)

O homem adquire consciência de sua sujeição à morte através da angústia. Segundo Heidegger é a angustia que provê o caminho mais fácil para a autenticidade.

A existência inautêntica, ao contrário tem medo da angústia diante da morte. E isso pode ser visto no fato de que a existência inautêntica banaliza a angustia no medo.

A angústia é muito diferente do medo; temos medo de determinada coisa, enquanto o que nos angustia é indeterminado. “Ninguém pode provocar-nos angústia, porque na angústia as coisas do mundo perdem todo significado; nós nos angustiamos por estar no mundo e nos encontrarmos sozinhos diante do mundo (Sofia, V. 2001, p.402) O medo é uma tradução mundana da angustia: tentamos convencer-nos, por exemplo,

CAPÍTULO II

EXISTÊNCIA AUTÊNTICA

Quando falamos em autenticidade ou em vida autêntica, logo nos vem em mente a idéia de um homem autêntico, verdadeiro, desafiador que não aceita ser moldado por ninguém. Mas, não é bem assim, para Heidegger o termo autenticidade possui um significado bem mais complexo e não é jamais uma condição confortável.

Viver autenticamente significa “entendermo-nos existencialmente e apropriarmo-nos desse entendimento”. (Rée, 2000, p.45) Desse modo a vida passa ser momento de reflexão profunda, onde o homem guiado pela razão é capaz de se construir segundo seu próprio plano não sendo manipulado pela massa. O homem que escolhe viver autenticamente é um homem livre, que assume a vida como próprio.

“Existe autenticamente implica ter a coragem de olhar de frente a possibilidade do próprio não-ser, de sentir a angústia do ser-para-a-morte”. (Reale , 1991, p.588) A morte não é um fato e, sim, uma possibilidade consistente em que é possível a qualquer momento. Assim podemos pensar a vida como atingindo sua plena realização, assim como um “fruto que cresce até a madura perfeição e depois cai subitamente no chão”. (Rée, 2000, p.48)

A morte pertence à estrutura fundamental do homem. Ela é a finalidade da vida e é com ela que o homem atinge seu ápice e se completa. Ter consciência desse fato significa viver autenticamente.

(...) trata-se da morte, quer isso o agrade ou não. Diante do estar-no-mundo o homem escolhe o que acha ser o melhor para si, porém, não escolhe morrer, isso acontece inerente a sua vontade quer queira ou não. Quando a morte se torna uma realidade não há mais existência. Enquanto possibilidade, a morte não dá ao homem nada a realizar. Ela é a possibilidade da impossibilidade de toda existência: com a morte, não há outras possibilidades a escolher nem novos projetos a realizar (Reale , 1991, p.586).

A morte Segundo Heidegger pertence à estrutura fundamental do homem, através dela ele conquista a totalidade da sua vida. O homem inautêntico foge à essa realidade, tende-se deixar absorver em relação com os objetos e com sua função, não levando em consideração a morte, o deixar de ser. O homem inautêntico também pode ser caracterizado como aquele ente que não aceita a morte como finalidade da vida, se refugiando no medo, "não tem a coragem da angústia diante da morte". (Reale, 1991, p.588).

Heidegger esquematiza a inautenticidade em três formas. A primeira forma de inautenticidade é o palavreado:

Não se compreendem tanto as entidades de que se fala, mas dão-se ouvidos apenas ao que é falado como tal. É isso que é entendido; aquilo sobre que se fala só o é aproximadamente e por alto. (Rée, 2000, p.32).

A segunda forma de inautenticidade é a curiosidade:

A curiosidade é caracterizado por uma peculiar tendência a não se deter o que está mais próximo... Ao não se deter, a curiosidade está preocupada com a constante possibilidade de distração... Ela se preocupa em conhecer, mas apenas com o fito de tomar conhecimento (Rée, 2000, p.33).

A terceira e por fim a última forma de inautenticidade é a ambiguidade ou equívoco:

Tudo parece genuinamente entendido, aprendido, discutido e no fundo não está; ou não parece estar, e no fundo está... O palavreado e a curiosidade, em sua ambigüidade, cuidam para que as novas e genuínas criações já estejam antiquadas quando chegam à público... Antecipações e palpites curiosos tomam-se pelo que está realmente ocorrendo (Rée, 2000, p.33).

Como já sabemos a existência, essência do homem, é poder-ser ou vir-a-ser, diante das possibilidades, existe uma diferente das outras, à qual o homem não pode escapar:

utilidade das coisas e estabelece relações sociais com os outros homens, já que não consegue viver sozinho e isolado. Segundo Denis Huisman “o mundo toma a função de uma ferramenta e o homem mundano “usa” suas relações com vista a obter alguma vantagem” (Huisman,D. 2001, p.109).

O homem que vive inautenticamente é controlado pelas regras que são ditadas pela lei da massa, vive mediante a vida do outro, só é capaz de realizar aquilo que às outras pessoas julgam ser o correto, preocupa-se exageradamente com o que os outros pensam ou deixam de pensar. Não é capaz de realizar algo próprio, verdadeiro guiar-se segundo suas próprias idéias.

Para Heidegger “cada um é outro, nenhum é ele mesmo”. (Huisman, D. 2001, p.114) Essa recusa frente à participação no mundo Heidegger a descreve em termos de “irresponsabilidade”, uma vez que o homem inautêntico se submete prazerosamente a lei da massa porque ela o exime de responsabilidade, como por exemplo, da responsabilidade de tomar decisões, já que tudo está decidido na vida cotidiana.

Heidegger esforça-se para nos lembrar que “a técnica, ou seja, o mundo em seu sentido utilitário é só ao lado da existência e não a própria existência”. (Huisman, D. 2001, p.111) Ele chama de existência “a esta característica do homem de ser fora de si, diante de si, por seus ideais, por seus planos, por suas possibilidades” (Mondim,B. 1983, p.188). A existência afirma Heidegger ser a essência do homem.

A inautenticidade surge em particular quando olhamos constantemente por sobre nossos ombros e comparamos nossos “eus” com os dos outros. Ficamos tomados pela idéia de estamos à frente ou atrás, de sermos mais imponentes ou mais elegante que os outros, ou tão hábeis e experientes, ou tão jovens e belo. Em nossa sociedade de nos distinguir dos demais, tomamos-nos, porém, dependentes dele não de alguém em particular mas do outro em geral. (Rée, 2000, p. 31).

CAPÍTULO I

EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA

Partindo do estudo do ser, Heidegger procura resolver o problema da existência humana baseando-se na lógica nas coisas mesmo, ou seja, através da fenomenologia.

É necessário compreender o homem de fato. Entendê-lo em todos os aspectos. Sendo assim o ponto de partida se dá em relação ao mundo, ao estar-no mundo propriamente dito, uma vez que para Heidegger, segundo comentário de José João Vicente, "o homem é um ser limitado, lançado ao mundo para aí realizar a possibilidade de sua existência."(Vicente, J.J. 2002, p.38.).

O mundo é "um círculo de interesses, de preocupações, de desejos, de afetos, de conhecimentos, nos quais o homem se acha sempre imerso". (Mondin, B. 1983, p.188) O homem está presente no mundo, vive dos recursos e instrumentos oferecidos pelo mundo e é no mundo que ele se projeta. Portanto o ser-no-mundo é uma característica fundamental do homem, porém, não a mais importante.

Diante do estar-no-mundo o homem, no decorrer de sua vida tem duas atitudes: a vida autêntica e a vida inautêntica.

Neste primeiro momento é sobre a vida inautêntica que me proponho a compreender e discorrer.

Segundo Martin Heidegger "tem uma vida inautêntica ou banal quem se deixa dominar pelo ser-no-mundo, pelo "cuidado" pelas coisas". (Mondim, B. 1983, p.89) Na existência inautêntica o homem se serve da

deixando claro como o homem pode, se assim desejar, passar da existência inautêntica para a existência autêntica, segundo a visão existencialista de Martin Heidegger.

INTRODUÇÃO

Martin Heidegger foi o maior representante do movimento existencialista, procurou através de seus estudos sobre o ser resolver o problema da existência humana através da fenomenologia.

Partindo do pressuposto em que Heidegger afirma que o homem é um ser lançado a viver no mundo para aí realizar a possibilidade de sua existência, esta dissertação filosófica tem por objetivo compreender melhor a existência do homem, procurando demonstrar, segundo Heidegger, as duas atitudes que ele pode assumir no decorrer de sua vida, ou seja, viver autenticamente ou inautenticamente.

Este trabalho está dividido em três momentos igualmente importantes, em que denominamos capítulos.

No primeiro momento discorrei sobre a Existência Inautêntica, procurando compreender as atitudes do homem inautêntico diante do estar-no-mundo, e o que o caracteriza como inautêntico. Ainda neste primeiro momento colocarei em evidência a questão do mundo, do estar-no-mundo com suas inúmeras possibilidades e como Heidegger entende e interpreta este mundo.

No segundo momento falarei sobre a Existência Autêntica e o que significa, segundo Heidegger, viver autenticamente, uma vez que o próprio Heidegger afirma que viver autenticamente não é jamais uma condição confortável.

Ao se tratar de existência autêntica inevitavelmente teremos de tratar sobre a questão da morte e do ser-para-a-morte, do tempo e da angústia, já que para Heidegger a compreensão dos mesmos são importantíssimos para se viver autenticamente.

No terceiro e último momento, farei uma conclusão das idéias anteriormente desenvolvidas, a saber, existência autêntica e inautêntica,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
CAPÍTULO I	05
EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA.....	05
CAPÍTULO II.....	09
EXISTÊNCIA AUTÊNTICA	09
CONCLUSÃO	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16

GLARYSLENE GOMES DA SILVA PESSOA

**EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA E AUTÊNTICA EM
HEIDEGGER**

Monografia apresentada em 14 de dezembro de 2004. Como parte das
exigências do Curso de Filosofia

José João Neves L. B. Vicente
Orientador

FACER, 2004

GLARYSLENE GOMES DA S. PESSOA



EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA E AUTÊNTICA EM HEIDEGGER

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor José João Neves L.B. Vicente.

Rubiataba-GO

2004

30687
SAORI

Tombo nº	9434
Classif.:
Ex.:	1

Origem:	d
Data:	14-02-05

GLARYSLENE GOMES DA S. PESSOA



EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA E AUTÊNTICA EM HEIDEGGER

Tombo nº.....
Classif.:
Ex.:
.....
.....
.....
Origem:
Data:

Rubiataba-GO

2004